

AGROECOLOGIA: UMA RESISTÊNCIA AO SISTEMA CAPITALISTA

JOSIÉLE BOTELHO RODRIGUES¹; DÉCIO COTRIM²

¹Universidade Federal de Pelotas – josiele.botelho@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – deciocotrim@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Atualmente não possuímos uma consciência sobre o que estamos consumindo, somente seguimos a lógica do mercado, o qual nos induz ao consumo. Perdemos o controle de todos os produtos que chegam a nossa casa, pois não sabemos sua real constituição, muitas vezes esses produtos contêm aditivos que causam malefícios à nossa saúde. Infelizmente, optamos por um produto que possui mais facilidade de aquisição devido ao uma vida cotidiana tão corrida.

Este fato também acontece na agricultura, desde o surgimento da revolução verde com a chegada do pacote tecnológico contando com os agroquímicos (advindos da segunda guerra mundial), sementes geneticamente modificadas e maquinários com alta tecnologia. Essa estratégia foi utilizada para que o produtor se inserisse como escravo do sistema tendo que atender ao imediatismo, o que por outro lado acarretou no êxodo rural por falta de políticas públicas que incentivem a permanência do homem no campo.

Além das mudanças de consumo dentro da sociedade e o desenvolvimento da agricultura convencional, não podemos deixar de destacar que as mudanças durante a década de 80 e 90 que influenciaram em nossa economia. Na década de 80, surge fortemente no país as manifestações sociais por meio da repressão, a exemplo podemos constar MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Já na década de 90, o desenvolvimento tecnológico gerou muito desemprego e inclusive instaurou a marginalização e criminalidade.

Através de todas essas questões levantadas, iremos abordar em um breve relato a experiência que veem sendo desenvolvida com a Feira Virtual Bem da Terra, que dentro dos grupos que se trabalha podemos citar: os consumidores responsáveis e, os rurais que constam-se no período de transição agroecológica. Ambos, estão inseridos num núcleo de economia solidária da UFPEL, a qual trouxe como proposta o relato destas experiências sejam elas positivas ou negativas, e fundamentar qual sua real importância para sociedade e para as pessoas envolvidas nesse processo.

Este trabalho tem por objetivo relatar uma experiência de organização produtiva nos termos da agroecologia no município de Pelotas.

Sabemos que o modelo atual de produção, distribuição e consumo de alimentos é insustentável em longo prazo. As mudanças percebidas nos hábitos alimentares nas últimas décadas levaram ao aumento do consumo de produtos industrializados e certa homogeneização alimentar, as quais foram impulsionadas pelo processo de globalização econômica.

2. METODOLOGIA

Para esse trabalho foram utilizadas como forma de aquisição dos dados a técnica da observação participante visto que a autora é voluntária do projeto de ensino-pesquisa-extensão TECSOL.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O modelo que vivemos atualmente gira em torno do capital, qualquer produto ou tendência de mercado é tomado para si em forma de comercialização, compramos ou produzimos sem pensar nas consequências que isso pode gerar, seja na forma de degradação ambiental (como: esgotamento do solo, poluição da água, ar e solo, redução da biodiversidade, etc) ou degradação social (como: exploração do trabalhador, descaracterização cultural, danos à saúde, etc). A Educação Ambiental enquanto prática dialógica, que objetiva o desenvolvimento da consciência crítica, deve estar comprometida com uma abordagem da problemática ambiental que inter-relacione os aspectos sociais, ecológicos, econômicos, políticos, culturais, científicos, tecnológicos e éticos (RITTER, 2003).

Para o grupo de consumidores responsáveis da Feira Virtual Bem da Terra, consumir coletivamente está mais relacionado com uma questão ético e político, pois em alguns casos os consumidores sofrem algumas frustrações perante ao produto que é recebido em função da compra ser meio que realizado “às cegas”- por uma plataforma virtual. Isso ocorre muitas vezes pela dificuldade de produzir agroecológico visto que os produtores dependem das condições ambientais que são imprevisíveis, mas é o preço que se paga por não achar questões imediatas como é o caso da agricultura convencional.

A sociedade é que caracterizada por ser individualista e criar um cenário de concorrência. Ser um consumidor responsável não é uma tarefa fácil visto que além dos seus direitos, possui deveres como grupo, onde sua consciência ético-política deverá se manter firme diante as fragilidades do sistema. Tal processo ocorre especificamente quando a prática social contribui para a construção de conhecimento por meio da vivência dos saberes ligados à agroecologia, em processos de autoformação de coletivos ou comunidades (SANTOS,2012).

Já para os grupos rurais da Feira Virtual Bem da Terra, o processo de transição agroecológica se dá de forma constante, tem produtores (as) que estão cinco anos em transição e outros (as) que se encontram com vinte anos no processo de transição. A transição agroecológica vai além de práticas agrícolas empregadas na propriedade, ela está interligada com diversos parâmetros, como por exemplo: movimento social, troca de saberes, forma de organização entre os grupos no que surge o princípio da economia solidária a qual proporciona uma estabilidade socioeconômica para o produtor (a), entre outras questões.

Além disso, os grupos rurais estão passando por um processo de organização em busca do aperfeiçoamento e padronização de seus produtos. Esse processo se dá por meio de reuniões, onde auxiliamos os grupos através das ferramentas participativas (sejam elas: tarjetas, calendário sazonal, diagrama de venn, entre outras). São realizados encontros onde proporcionamos trocas de saberes entre os produtores e a inserção de novas práticas agroecológicas, além das visitas realizadas nas propriedades como forma de auxílio nessa transição, no primeiro semestre (2018/1) deste ano foi realizado em torno de 51 visitas.

A ideia principal que ambos dos grupos sejam autogestionado durante esse processo que aos poucos está ganhando espaço na região. É de extrema importância que os mesmos se enxerguem e entendam a importância de ser grupo, e qual a razão, de não estarem consumindo ou produzindo de forma individual.

A resistência destes grupos promove a biodiversidade da região, assim como a qualidade ambiental e social. Fogem dos padrões capitalista, reforçando o senso crítico e incentivando a educação ambiental. Esses princípios são fundamentais para uma nova construção de sociedade.

Levando em consideração esses aspectos dos grupos rurais e consumidores procura-se que eles se organizem independentes da instituição e percebam qual é o real motivo de se organizem como grupo. Pois a coletividade possui um modo de resistência ao modelo tradicional individualista, favorecendo um fortalecimento a esse modelo de comercialização que visa a qualidade socioambiental.

Como tratamos, por parte dos consumidores responsáveis essa prática está mais relacionada com ato ético e político onde prevalece a obtenção de uma segurança alimentar por maior confiabilidade da origem dos seus produtos, sabendo que os mesmos estão intimamente ligados a preservação da biodiversidade, permanência dos produtores no campo, conservação das culturas regionais. Visto pelo produtor rural, obterá além de seu próprio sustento, terá o incentivo pela preservação do meio ambiente e maior qualidade de vida.

4. CONCLUSÕES

A partir disso, sustentabilidade busca o equilíbrio social, ambiental, econômico e político, justamente o que buscamos neste sistema. É fundamental a expansão dessa alternativa de alimentação, assim como as partes integrantes estar abertas a essas transformações rompendo barreiras quanto às dificuldades circundadas pelo modo individualista, restaurando assim a harmonia entre o agroecossistema.

Não podemos deixar de elencar, os estudantes que estão envolvido nesse processo auxiliando a transição desses produtores, onde está experiência proporciona uma troca de saberes entre alunos e produtores. Está parte do processo torna-se fundamental gerando um retorno para sociedade, cumprindo o papel como universidade, promovendo a extensão rural e capacitando os alunos para o contexto da agroecologia e economia solidária.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARMO, Maristela Simões do. Agroecologia: novos caminhos para a agricultura familiar. **Revista Tecnologia & Inovação Agropecuária**, v.1, n.2, p.28-40 dez. 2008. Disponível em: http://www.apta.sp.gov.br/Publicacoes/T&IA2/T&IAv1n2/Artigo_Agroecologia_Novos_Caminhos_3.pdf Acesso dia: 20 Ago.2018

RITTER, Alexandre; CASTELAN, Simone Elenice; GRIGOLETTO, Cassiana. Curricular dos cursos de graduação: Licenciatura em Ciências Agrícolas. In: SIFEDOC REGIONAL, 2003. **Anais...** Santa Maria: UFSM, 2003. P. 1-18. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2003/Alexander%20Ritter.pdf> Acesso em: 20 Ago. 2017.



SANTOS, Fernando Passos dos; MARTINS, Leila Chalub-. **Agroecologia, consumo sustentável e aprendizado coletivo no Brasil**. Universidade de Brasília, Brasília- DF. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 469-483, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n2/aop0363.pdf> . Acesso em: 20 Ago.2

6. APOIO

CNPq Projetos 442775/2016 e 402556/2017-8